

LITERATURA TRADUZIDA E IMPRENSA: UMA DÉCADA DE TRADUÇÃO POÉTICA NO SUPLEMENTO “LETRAS E ARTES” DO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RJ)

LITERATURA TRADUCIDA Y PRENSA: UNA DÉCADA DE TRADUCCIÓN POÉTICA EN EL SUPLEMENTO LITERÁRIO “LETRAS E ARTES” DEL DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ)

Nathaly Silva Nalerio¹

Andrea Cristiane Kahmann²

Carla Araújo de Macêdo Nogueira³

RESUMO: Este artigo tem como escopo realizar um levantamento e propor análises a partir da poesia traduzida publicada entre 1956 e 1965 no suplemento “Letras e Artes”, do jornal carioca *Diário de Notícias*. Este recorte deve-se ao fato de, no ano de 1957, o “Letras e Artes” ter ganhado o prêmio Paula Brito de melhor suplemento literário, o que evidencia a relevância dos textos selecionados para compor a publicação e sua circulação entre as elites culturais, econômicas e políticas do país naquele momento anterior ao golpe cívico-militar de 1964. Concentrando-se na poesia por ser este o mais prestigioso dos gêneros em tradução, este artigo apresenta dados obtidos a partir do levantamento de poesias em tradução em 520 edições do suplemento, consultadas por meio da Hemeroteca Digital Brasileira. Por este enfoque, foram identificados 150 poemas ou trechos de poemas traduzidos para o português brasileiro por 35 nomes, dos quais 7 destacaram-se pela colaboração frequente no suplemento. A essa abordagem quantitativa, agregam-se análises de cunho qualitativo providas pelo entrelaçamento dos resultados obtidos com a proposta de Lieven D’Hulst (2021) para uma história da tradução. Assim, buscou-se refletir sobre quem traduz o que, onde, quando, com que ajuda e por quê. A partir disso, busca-se prover informações sobre a circulação de poesia traduzida na década de maior destaque dos suplementos culturais no Brasil, discutir veículos de influência e a formação do campo literário e intelectual brasileiro para além de um circuito editorial canonizado.

Palavras-chave: Estudos da tradução; história da tradução; história da imprensa no Brasil; suplemento literário “Letras e Artes” (*Diário de Notícias*); tradução de poesia.

RESUMEN: Este trabajo propone la recopilación de datos y el análisis de la poesía traducida publicada entre los años de 1956 y 1965 en el suplemento “Letras e Artes” del periódico *Diário de Notícias*, de Rio de Janeiro. El periodo seleccionado para análisis se debe a que, en 1957,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e pesquisadora na área de Estudos da Tradução.

² Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), tradutora e pesquisadora nas áreas de Estudos da Tradução e Literatura Comparada.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), bacharela em Jornalismo e Letras/Tradução.

“Letras e Artes” ganhou el premio Paula Brito de mejor suplemento literario, lo que pone de relieve la relevancia de los textos seleccionados para componer esta publicación y su circulación entre las élites culturales, económicas y políticas de Brasil en ese momento anterior al golpe cívico-militar de 1964. Centrándose en la poesía por ser este el género que más prestigio confiere a la traducción, este artículo discute los datos obtenidos a partir de la búsqueda por poemas traducidos en 520 ediciones del suplemento, a las que se accedió a través de la Hemeroteca Digital Brasileña. Con este enfoque, se identificaron 150 poemas o fragmentos de poemas traducidos al portugués brasileño por 35 nombres, de los cuales se destacan 7 de colaboración frecuente con el suplemento. A este enfoque cuantitativo se añaden análisis de carácter cualitativo propiciados por la interconexión de los resultados obtenidos con la propuesta de Lieven D’Hulst (2021) para una historia de la traducción. Así, se buscó reflexionar sobre quién traduce qué, dónde, cuándo, con qué ayuda y por qué. A partir de ello, se brindan informaciones sobre la circulación de la poesía traducida en la década más destacada de los suplementos culturales en Brasil y se discuten los medios de influencia y la formación del campo literario e intelectual brasileños más allá de un circuito editorial canonizado.

Palabras clave: Estudios de la traducción (traductología); historia de la traducción; historia de la prensa en Brasil; suplemento literario “Letras e Artes” (*Diário de Notícias*); traducción de poesía.

1 Introdução

No Brasil do século XX, literatura e imprensa convergiram em publicações periódicas que tinham como intuito suplementar os conhecimentos literários do público leitor de jornais, localizadas entre seções como a esportiva e a de conteúdo para mulheres. Os suplementos literários cumpriam a missão de aproximar o público leitor da crítica literária incipiente no cenário nacional, bem como nomes e textos nacionais e internacionais de literatura e, de forma especial, da poesia. Um desses suplementos foi o “Letras e Artes”, publicado aos domingos no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. No seu auge, na década de 1950 e início de 1960, o “Letras e Artes” veiculou textos críticos sobre literatura e o fazer literário, além de publicar traduções de literatura estrangeira, tanto de textos em prosa como poéticos.

A fim de compreender como ocorria essa divulgação da literatura mediada pela tradução para suplementos, o presente artigo propôs um levantamento das traduções de poemas publicados entre os anos de 1956 e 1965 nas páginas do “Letras e Artes”. A partir da consulta a 520 edições do suplemento, facilitadas pela digitalização disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, buscou-se levantar uma síntese em números da circulação de poesias traduzidas para o público amplo do jornal no período de uma década (1956 e 1965), no auge deste suplemento. A partir desse levantamento, pôde-se verificar quais foram as línguas e nacionalidades mais frequentemente traduzidas, e bem assim alguns nomes de tradutores e tradutoras de atuação mais ou menos profissional. Em seguida, empregando-se uma metodologia qualitativa identificada com a abordagem de Lieven D’Hulst (2021) para a história da tradução, buscou-se responder quem foram esses tradutores e tradutoras de destaque, o que foi traduzido, quando foi traduzido e como essas traduções eram apresentadas no jornal.

Esta pesquisa justifica-se por ser uma contribuição para a subárea da História da Tradução, uma vez que traz visibilidade para as pessoas que estavam traduzindo e para como essas traduções foram publicadas no suplemento. Além disso, tem o potencial de apontar tanto

para a literatura estrangeira, que era muito consumida no período, bem como para a que era ainda pouco consumida e que preenchia um vazio tradutório. Entende-se que as literaturas canônica e não canônica importadas pela via das traduções podem ter influenciado o gosto do público leitor da época e contribuído para a formação da literatura nacional. Este é, no entanto, um recorte preliminar, que não responde a todas as questões levantadas, mas visa a colaborar com futuras reflexões dos campos literário e da pesquisa em tradução e comunicação.

Para cumprir com os intuitos mencionados, este artigo divide-se em seis partes. Depois desta introdução, apresenta-se o suplemento “Letras e Artes”, sua história, sua estrutura e principais colaboradores/as. Depois, a metodologia empregada tanto no levantamento quanto nas análises, seguida dos comentários e reflexões sobre os resultados. As análises subsequentes relacionam-se com esses achados e costuram, no quarto e quinto pontos, reflexões sobre o eventual prestígio conferido a poetas e tradutores/as de poesia no suplemento em questão e ao papel de tradutores e tradutoras como embaixadores/as culturais. As considerações finais encerram este trabalho.

2 O *Diário de Notícias* e o seu suplemento “Letras e Artes”

O periódico carioca *Diário de Notícias* circulou entre 12 de junho de 1930 e 10 de novembro de 1976, perpassando o cotidiano da política nacional e local em períodos decisivos para os rumos do país. Sua fundação, pouco antes da Revolução de Outubro de 1930, antecipou por pouco a era que testemunharia o alvorecer das primeiras grandes editoras brasileiras, tais como Nacional, José Olympio, Melhoramentos, Vecchi, Difusão Europeia do Livro, Pongetti, Civilização Brasileira e Globo. Com Antonio Candido, lembra-se que “só depois de 1930 se generalizaria em grande escala este desejo de nacionalizar o livro e torná-lo instrumento da cultura mais viva do País” (1989, p. 192). Hallewell (2012, p. 439 - 440) relacionou o fenômeno à crise de 1929 e à desvalorização do mil-réis, que fez despencar as importações (inclusive de livros franceses), e possibilitou que, pela primeira vez, o livro brasileiro fosse competitivo em seu próprio mercado. Esse cenário viabilizaria que não apenas a literatura entrasse em “um estado *adulto e moderno*”, nas palavras de Bosi (2007, p. 383), como também tomasse impulso a crítica nacional progressista, alardeando o que se entendia por *consciência social*. Para o amadurecimento dessas ideias, contribuiu o sistema conformado, para além dos livros, por jornais e demais periódicos da época (revistas, magazines, almanaques). Até o ano de 1976, quando encerrou suas atividades, o *Diário de Notícias* cumpriu o seu papel nesse sistema, noticiando e abrindo espaço às críticas durante a Era Vargas, a construção de Brasília e outras mudanças do período JK, o governo conturbado de Jango e a subsequente ditadura civil-militar de 1964. Também a literatura, original e em tradução, em especial a poesia, encontraria espaço privilegiado em suas páginas.

Fundado por Orlando Ribeiro Dantas, o *Diário de Notícias* foi considerado, em seus dez primeiros anos de existência, um veículo de resistência à cooptação e à censura dos governos Getúlio Vargas. Se, em um primeiro momento, o periódico demonstrou simpatia pela Revolução de 1930, dela se distanciou no movimento constitucionalista de 1932 (Couto, 1992, p. 3). Em *A História da Imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré (1966, p. 439) refere-o como um caso exemplar de jornal empresarial que não se corrompeu após a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em dezembro de 1939. Na redemocratização, em 1945, o *Diário de Notícias* viveu seu auge. Então, ele já havia se firmado como jornal relevante, liberal e de oposição ao comando varguista (Couto, 1992, p. 3). Nessa euforia, em 1946,

seguindo uma tendência do jornalismo de então, lançou seu suplemento literário, ainda mesclando a cultura a outros temas, como moda feminina ou assuntos agropecuários (Couto, 1992, p. 4). Somente na década de 1950, foi-se especializando e aproximando-se de outros suplementos contemporâneos seus, apêndices literários e/ou culturais semanais junto às edições de domingo, tais como “Autores e Livros” (1941), do Rio de Janeiro, o “Suplemento Literário do Estado de São Paulo” (1946), o “Suplemento Letras & Artes” (1946-1953), do jornal *A Manhã*, o “Correio das Artes” (1949), da Paraíba, o “Folha Literária” (1949), de Cuiabá, entre outros citados por Lopes e Leal (2017, p. 263). Essas páginas culturais, com sua literatura domingueira (Couto, 1992, p. 7), geravam engajamento com o público, propondo entretenimento ao mesmo tempo em que publicizavam a produção do incipiente mercado editorial nacional e incentivavam a leitura de diferentes tipos de textos assinados por jornalistas, acadêmicos/as e escritores/as (Lopes; Leal, 2017, p. 262 - 263). Além disso,

As publicações dos suplementos possibilitaram, portanto, criar pontos de discussões sobre as diversas linguagens como literatura, pintura, cinema, teatro e crítica literária, além de trazer notícias sobre o que estava acontecendo na Europa e na América Latina. As publicações também não deixaram de lado questões extraliterárias, já que o momento era propício para se discutir sobre liberdade, democracia e sociedade num tempo em que o homem mudou o modo de atuar e de refletir diante das novas transformações que ocorreram nos espaços da política, da economia, da ciência, da tecnologia. (Lopes; Leal, 2017, p. 263)

Durante toda a sua existência o suplemento “Letras e Artes”, do *Diário de Notícias*, foi dirigido por Raul Lima, político, advogado e jornalista alagoano radicado no Rio de Janeiro. Entre os colaboradores e colaboradoras, houve alguns nomes fixos ao longo de toda a década de 1950, como Tristão de Athayde, que manteve a coluna “Letras e problemas universais” e foi uma figura central do suplemento; Afrânio Coutinho, com a seção “Correntes cruzadas”, que foi responsável pela onda do *new criticism* no Brasil; também Rachel de Queiroz e Xavier Placer, que contribuíam com crônicas; e Henrique Oscar, que divulgava textos teatrais (Couto, 1992, p. 5). No suplemento literário “Letras e Artes”, houve espaço ainda para outras vertentes artísticas, com destaque para colunas sobre a indústria fonográfica, como a “Brasil Sonoro”, de Mariza Lira, e a “No mundo dos discos”, de Aluísio Rocha, assim como para representantes das artes plásticas, como Mário Barata, e uma coluna especializada em arquitetura e urbanismo, assinada por Rubens do Amaral Portela. Contudo, seu destaque foi mesmo a literatura. Nomes hoje consagrados do cânone literário e intelectual brasileiro colaboraram de maneira mais ou menos frequente com o “Letras e Artes”. Citam-se, à guisa de exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira Queiroz, Cecília Meireles, Dalton Trevisan, Telmo Vergara, Manuel Diégues Júnior, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Aurélio Buarque de Holanda. O suplemento dominical do *Diário de Notícias* chegava a ter uma tiragem de cerca de cem mil exemplares, garantindo a esses ensaístas um número potencial de leitores próximo a meio milhão (Venancio; Wegner, 2018, n.p.).

André Couto (1992), que realizou um estudo específico sobre o suplemento “Letras e Artes”, classificou-o como tendo posicionamento político conservador. Tratava-se de um espaço especialmente aberto a um perfil intelectual de direita da época, que se pretendia e buscava ser identificado como altamente intelectualizado e, portanto, distinto das vertentes populares do varguismo e posterior trabalhismo. A linha editorial do *Diário de Notícias*, e consequentemente do suplemento, alinhava-se, nos anos 1950, ao catolicismo e, nas pautas internacionais, ao

“anticomunismo” da Guerra Fria, apoiando os Estados Unidos em suas manchetes e reportagens (Couto, 1992, p. 22). Para as discussões desse último tópico, contou com a contribuição de nomes estrangeiros como Walter Lippmann, Dorothy Thompson e George Fielding Elliot. No âmbito local, as colaborações de Tristão de Athaíde e Rachel de Queiroz entrelaçaram suas inserções dominicais com posicionamento político. Em 1º de outubro de 1950, Rachel de Queiroz conclamou: “No momento, só uma coisa importa. A sobrevivência do regime democrático. Só importa votar contra Getúlio” (*apud* Couto, 1992, p. 11). Outros grandes nomes, aparentemente, estavam preocupados mesmo era com o progresso cultural. Paulo Rónai, relevante teórico da tradução, assinou matérias como “Uma teoria da Tradução” (publicada em 1957), “Matéria sobre o ‘Um Tradutor’” (1957) e “A tradução no mundo moderno” (1958), compartilhando com o grande público debates sobre um campo acadêmico ainda em formulação.

Em 1957, época em que diversos suplementos competiam em qualidade, o “Letras e Artes” recebeu o prêmio Paula Brito de melhor suplemento literário. As páginas do suplemento foram rediagramadas para projetar o orgulho frente ao reconhecimento público alcançado. A partir da edição de 9 de março de 1958, o cabeçalho do suplemento passou a conter um desenho da estatueta com uma réplica de Johannes Gutenberg, inventor da máquina de imprensa no século XV, e uma menção direta ao título recebido. Em 1959, o suplemento angariou ainda o Prêmio Antônio Joaquim de Castilho, da Confederação Nacional da Indústria, e passou a expor mais esse título em seu cabeçalho. Em sua coluna, “Livros e Fatos”, o diretor do apêndice, Raul Lima, dedicou o recebimento da honraria ao público do “Letras e Artes”, destacando que, por muitos anos, este teria sido o único caderno dominical dedicado exclusivamente às letras e às artes e que, naquele momento, era o de maior duração, “sem interrupção e em progresso constante” (Lima, 1959, p. 3).

Figura 1 – Arte do suplemento literário “Letras e Artes”



Fonte: *Diário de Notícias* (RJ), suplemento “Letras e Artes”, 22 de março de 1959, p. 1 do S.L.

A premiação do “Letras e Artes” do *Diário de Notícias*, em 1957, certamente foi facilitada pelo vácuo deixado pela extinção, em 1954, do suplemento “Letras & Artes” do jornal *A manhã*, do Rio de Janeiro, que havia sido fundado em 1946 pelo jornalista e político Jorge Lacerda e que, segundo Lopes e Leal (2017), foi incomparável. Destacou-se neste suplemento, segundo as autoras, não só a poesia, mas a sua tradução:

O suplemento iniciou suas atividades em 1946 e findou-as em 1954, com trezentas e onze edições publicadas. Ao todo, foram cento e oitenta e dois textos traduzidos, dentre os quais ganham mais relevo as traduções de poemas: cento e cinquenta obras. A origem dos textos traduzidos também foi bem diversa. Foram encontrados de língua alemã, espanhola, russa, francesa, inglesa, italiana, polonesa, romena, mandarim e hindu. (Lopes; Leal, 2017, p. 265)

Para Lopes e Leal, essa diversidade da poesia em tradução circulante no “Letras & Artes” do jornal *A manhã* dialogava com o espírito pós-45, estruturado entre descontinuidades e continuidades definidoras de “um projeto de formação cultural que se pauta no diálogo com diversas origens, passando, por exemplo, pelas correntes de Vanguarda, pelo Romantismo alemão, pelo Classicismo, pelo Simbolismo etc” (2017, p. 270). Para além dessa diversidade estética, porém, os suplementos “Letras & Artes” do político Jorge Lacerda, o “Letras e Artes” dirigido pelo político Raul Lima e outros mais, de outros operadores desse jogo simbólico, tinham em comum a velada legitimação das elites e de seus capitais tradicionais. A poesia, gênero literário de mais elevada distinção, e mais ainda a sua tradução serviram muito bem a esse propósito. Por essa razão, os pontos que seguem refletem sobre a presença da tradução de poesia, detendo-se no suplemento “Letras e Artes”, do *Diário de Notícias*, no período de 1956 a 1965.

3 Poesia em tradução no suplemento “Letras e Artes” entre 1956 e 1965: método e principais resultados

Para Antoine Berman (1995, p. 61), a pesquisa em literatura e em tradução que se desvincule da história será prisioneira do discurso social do momento. Portanto, é fundamental o estudo sistemático sobre quem traduz o que, onde, quando, com que auxílio, por quê e em benefício de quem, para estar-se com as perguntas norteadoras de Lieven D’Hulst (2021) para a pesquisa em história da tradução. Com foco na tradução de poesia, este artigo busca responder, ao menos parcialmente, algumas dessas perguntas e levantar questionamentos para pesquisas futuras na área. Pretende-se, pois, discutir quem eram as pessoas que realizavam a tradução de poesias para sua divulgação ao público amplo do suplemento “Letras e Artes” do *Diário de Notícias* entre os anos de 1956 a 1965, propondo hipóteses sobre a posição que elas ocupavam no tabuleiro dos jogos de prestígio. Igualmente, busca-se traçar um perfil de poesia traduzida, identificando principais poetas e línguas de origem, com vistas a contribuir para a compreensão do entrelaçamento entre imprensa, política e literatura no Brasil, especialmente no período pré-golpe de 1964, e para os estudos sobre a presença da poesia traduzida em suplementos literários,

tal como o fizeram Lopes e Leal (2016 e 2017), abordando outro suplemento.

Para a realização desta proposta, realizou-se coleta de dados no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza a digitalização das edições físicas do *Diário de Notícias* (RJ), distribuídas entre os anos de 1930 a 1976, totalizando aproximadamente 14.750 edições digitalizadas. A presente pesquisa teve como recorte do levantamento as traduções de poesia de qualquer língua estrangeira para o português brasileiro no suplemento entre os anos de 1956 e 1965, abrangendo uma década. Optou-se por esse recorte temporal em função da premiação deste como sendo melhor suplemento literário pelo prêmio Paula Brito no ano de 1957. Dessa forma, iniciou-se a coleta de dados no ano anterior à premiação.

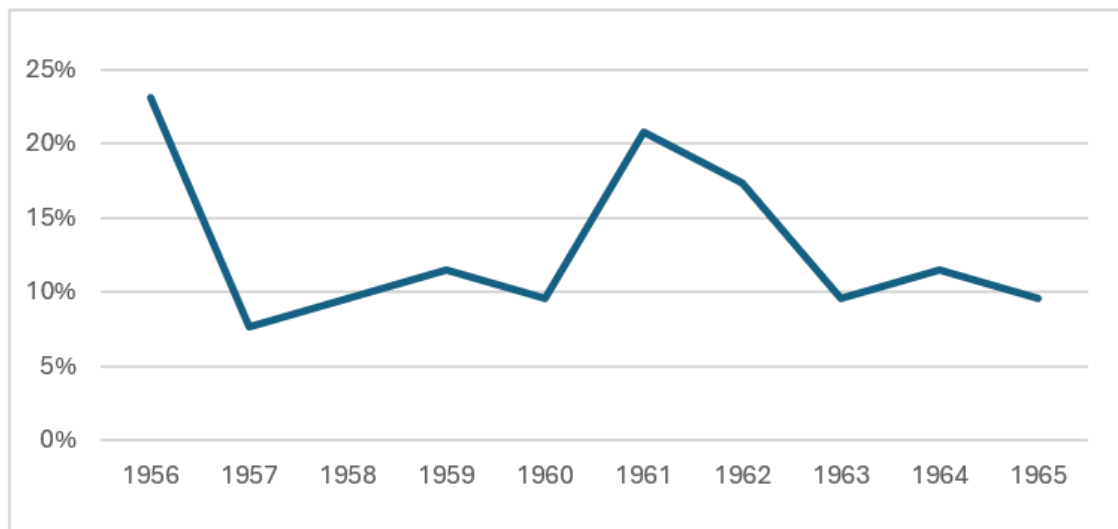
As edições digitalizadas no acervo estavam organizadas por número sequencial, de 1 a 14.747. Ao mesmo tempo, era possível observar uma coluna indicando apenas o ano de publicação. Por isso, como o suplemento só era publicado aos domingos, iniciou-se a busca em 1957 e procurou-se manualmente pelas edições que o incluíam, abrindo-se os arquivos em pdf. em nova guia para verificação. A maioria das edições do *Diário de Notícias* agrupava domingo e segunda-feira em uma mesma publicação, o que permitia que se calculasse um intervalo de seis edições entre um suplemento e outro. Em alguns casos, provavelmente em feriados, uma única edição agrupava domingo, segunda e terça-feira. Por essa razão, a verificação manual mostrou-se relevante. Quando encontradas, as edições que continham o suplemento eram registradas em uma planilha, que identificava a edição pelo código informado no acervo da Hemeroteca. Isto feito, fez-se necessário identificar também a página de início do suplemento, que variava conforme a edição.

Ao total, 520 edições do suplemento foram analisadas à procura de traduções de poesias. Essa procura baseava-se em um passar os olhos pelos títulos dos conteúdos dos suplementos em busca do que Jones refere como os “sinais que alertam sobre o gênero e pavimentam a recepção” (2024, n.p.). A poesia, diz o teórico, é comumente anunciada como tal. Ela também pode ser identificada por “características extratextuais” (Jones, 2024, n.p.) que, quando oral, requer um certo tom para declamação, e na forma escrita, caracteriza-se por uma diagramação peculiar. Essa peculiaridade de diagramação facilitou a coleta desta pesquisa. Ao identificar-se, no corpo do suplemento, um poema traduzido, anotavam-se em uma planilha as seguintes informações: código da edição no acervo, data da edição, página do suplemento, página do pdf, nome do/da poeta em tradução, língua de origem do poema, título da obra ou do fragmento em tradução e nome do tradutor ou da tradutora, quando havia menção. Por fim, reservou-se uma coluna para a anotação de observações gerais sobre a publicação, tais como: se eram incluídas informações sobre o/a poeta de partida, se havia comentários à tradução ou apresentação de alguma motivação para a sua realização.

Para o tratamento dos dados obtidos, primeiramente aplicou-se uma metodologia quantitativa, a fim de verificar a periodização das traduções, ou seja, os momentos de maiores ou menores movimentos tradutórios, bem como análises sobre as línguas das quais mais se traduziu ou as nacionalidades de poetas que foram mais importados/as pela via tradução, além de quais tradutores/as de poesia se destacaram quantitativamente no suplemento. Em seguida, empregando-se uma metodologia qualitativa de abordagem dos dados, a partir de D’Hulst (2021), buscou-se responder quem foram esses tradutores e tradutoras de destaque, o que foi traduzido, quando foi traduzido e como essas traduções eram apresentadas no jornal.

De forma geral, apenas 68 edições, das 520 observadas, continham traduções de poesias. Do período 1956 a 1965, os anos que tiveram maiores e menores movimentos tradutórios nesse sentido podem ser observados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Porcentagem de edições do suplemento literário “Letras e Artes” do *Diário de Notícias* (RJ) com traduções de poesias por ano.



Fonte: elaborado pelas autoras para o presente trabalho.

Quanto à periodização em questão de meses, essas traduções encontram-se esparsas, com alguns casos de agrupamentos por período. Por exemplo, em 1956, a maioria das traduções ocorreram entre final de março e início de julho, com grandes períodos de ausências no restante do ano. Uma parte significativa das traduções desse período foi realizada por um mesmo tradutor: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que na época estava cativado por poesias mexicanas e outras hispano-americanas. No ano de 1957, apenas um tradutor, Osório Dutra, respondeu por traduções de poemas para quatro edições. Os franceses Stéphane Mallarmé e Charles Baudelaire, bem como quatro haicais japoneses foram publicados na tradução de Dutra entre o final de julho e início de novembro de 1957. Em outro agrupamento nos últimos meses de 1958, destacou-se Xavier Placer, que traduziu vários poemas de William Blake e um de Pedro Salinas. Já nos anos seguintes, o suplemento apresenta traduções irregulares de poemas, com uma grande variação não só de poetas e nacionalidades de origem, como também de tradutores/as responsáveis por essas publicações.

Verificou-se, durante a década analisada, que o público do suplemento leu 85 poetas em tradução, conjunto no qual se destacam nomes da poesia europeia e hispano-americana. Um total de 150 poemas foi traduzido por 35 tradutores e tradutoras que colaboraram para o suplemento com periodicidade mais ou menos regular. Não é possível afirmar com precisão de quais línguas se traduziu a poesia original levantada, pois as traduções indiretas eram frequentes e, ademais, havia poetas multilíngues ou que escreveram em línguas que não a sua materna. A composição de poesia em língua estrangeira poderia ocorrer por exercício ou por deslocamento voluntário ou forçado do/a poeta e reambientação em outra nação. Não obstante, é possível afirmar-se que, das traduções identificadas, a maior parte provinha da língua espanhola, seguida da língua alemã, do inglês e do francês. Foram identificadas, também, traduções esparsas de poemas cuja língua original era galego, russo, chinês, japonês, italiano, hebreu e bengali. O prestígio de determinados nomes da poesia e da tradução impactaram esse *ranking*, como se analisa no ponto que segue.

4 Poetas e tradutores/as de poesia do “Letras e Artes”: comentários sobre prestígio

As poesias traduzidas levantadas no suplemento literário em tela no período demarcado eram comumente identificadas como tal pelos títulos das seções em que elas costumam se encontrar, tais como “Letras Espanholas”, “Letras norte-americanas”, “Poesia traduzida”, “Poesia mexicana do século XX”, “Poesia alemã”, “Poemas traduzidos”, dentre muitas outras semelhantes, que costumavam vir acompanhadas do nome do tradutor ou tradutora do poema. É de se observar a importância conferida à nacionalidade de origem da poesia, o que faz recordar a análise de Jones (2024) de que, por ser uma expressão cultural altamente valorizada, a poesia e sua tradução podem integrar esforços de motivação política. A tradução de poesia, portanto, pode operar “como *soft-power* ou mesmo como propaganda” (Jones, 2024, n.p.), que respalda a “imagem de um(a) tradutor(a) como embaixador(a) cultural” (Jones, 2024, n.p.). A difusão desse papel em face do público amplo tinha dupla função, portanto: conferir prestígio ao suplemento literário e, por consequência, ao jornal que o mantinha, e à pessoa que traduziu o poema, que se legitimava como validadora e validada pela poesia e a língua-cultura que disseminava.

Também por isso, de modo geral, o suplemento apresentava os créditos de quem traduziu os poemas de forma muito clara, a exemplo do recorte demonstrado na Figura 2 na próxima página. Em outros casos, em que as traduções (às vezes, um trecho dela) encontravam-se dentro de uma matéria que tinha como intuito apresentar o/a poeta estrangeiro/a, podia-se confundir o autor do texto como o próprio tradutor desses trechos traduzidos. É o que ocorre na matéria “Albores da Poesia Alemã”, de Léo Gilson Ribeiro (1961, p. 3 do S.L.³). Além de ser o autor do texto crítico que apresenta poetas de língua alemã, pode-se deduzir que Ribeiro seja o tradutor dos trechos de poesia em alemão referidos. Apesar disso, em nenhum momento, seu nome (nem nenhum outro) consta como tradutor dos poemas citados.

Léo Gilson Ribeiro, que se valeu da publicação sistemática de poemas e críticas, poderia ser um exemplo de embaixador cultural. Além dos “Albores da Poesia Alemã”, fez traduções de Xosé María Díaz Castro e Álvaro Cunqueiro, traduzidos e apresentados como “Poetas Galegos” (Ribeiro, 1961, p. 2 do S.L.). Também é possível citar outros colaboradores eventuais do suplemento com essa vocação. Em 1963, por exemplo, Amílcar Alencastre publicou “Há uma cultura africana”, em que apresentou, em tradução, para além de Patrice Lumumba, líder político congolês anticolonialista assassinado em 1961, o poeta senegalense Alioune Diop. Alencastre divulgava a literatura africana ao passo que criticava a hegemonia estadunidense na literatura:

Que conhecemos nós, aqui na América Latina da cultura africana, mais particularmente de sua literatura? Certamente a nossa classe média leitora já travou conhecimento com várias dezenas de heróis de aventuras fantásticas e de gangsterismo americanos. Mas nada conhece da literatura desse continente cuja libertação é um dos maiores acontecimentos do século. (Alencastre, 1963, p. 3 do S.L.)

O panafricanismo e as independências africanas desempenhavam impacto evidente na

³ Para as citações de trechos do suplemento literário, optou-se por indicar a página indicada na seção, motivo pelo qual se incluiu a abreviação “S.L.”. Além disso, as citações do texto encontrado em jornal são transcrições fidedignas, ou seja, foram mantidos os acentos e pontuações conforme foram utilizados na época, além de possíveis erros de digitação.

cultura das décadas de 1950 e 1960, assim como as reverberações geopolíticas da segunda guerra mundial. Nessa redefinição de nacionalismos, poetas como Rainer Maria Rilke certamente despertavam atenção. Rilke foi presença marcante no suplemento “Letras e Artes” no período analisado e um dos poucos poetas traduzidos em várias edições e por diferentes tradutores.

Nascido em Praga, então integrante do Império Austro-Húngaro, Rainer Maria Rilke é comumente insculpido no panteão das letras germânicas, mas também publicou poemas em francês. Sua poesia era existencial, sua identidade era fragmentada e seu mundo foi constante transformação. Sua mãe, judia, convertera-se ao cristianismo para escapar ao antissemitismo. Seu império ruiu. Ele viveu um mundo em guerra, mas é lembrado por seus amores. Portanto, não estranha que tenha sido ele o poeta com mais traduções levantadas nesta pesquisa. Em várias edições do “Letras e Artes”, havia de um a três poemas de cada poeta, e só em poucas edições era possível encontrar muitas traduções para um/a mesmo/a poeta. Contudo, em um domingo de maio de 1963, foram publicados sete poemas de Rainer Maria Rilke, em tradução de Roberto Paula Leite. Para além do número, chama atenção a forma como essas traduções foram diagramadas na página do suplemento, destacando o número de poemas e o nome do poeta.

Figura 2 – Tradução de Roberto de Paula Leite para sete poemas de Rainer Maria Rilke no suplemento “Letras e Artes”



Fonte: Diário de Notícias (RJ), 5 de maio de 1963, p. 3 do S.L. (Leite, 1963).

Desde a década de 1940, Rilke vinha sendo traduzido de forma esparsa no Brasil, aportando uma grande influência para a chamada “geração de 45” (Torres; Guimarães, 2019, p. 149). Pelo mercado editorial, foi publicado em livro de autoria única pela editora José Olympio: *Poemas de Rainer Maria Rilke*, em tradução de Geir Campos, do ano de 1953. Rilke também foi incluído na antologia *Poemas traduzidos*, de Manuel Bandeira, de 1956. Ambas as obras

integraram a mesma coleção, *Rubáiyát*, de José Olympio (Aseff, n.d.), que certamente impactou a crítica cultural da época.

Maior ou menor espaço era reservado no jornal para essas empreitadas tradutórias, e tem-se como hipótese que os fatores que influenciavam essa variação podiam depender tanto do prestígio do/a poeta em tradução como do tradutor ou tradutora do poema. Aspectos de ordem menos literária também poderiam impactar a inserção de poemas em páginas de jornais: é de se recordar, com Erico Verissimo (2005, p. 253), dos poemas para tapar buracos. Rememorando seus tempos de editor das revistas da Globo, Verissimo confessou:

Com frequência os nossos paginadores me telefonaram da oficina, comunicando-me que necessitavam de matéria para encher um espaço vazio de alguns centímetros, no fim de uma página. “Espere um minuto!”, dizia eu. Punha papel na máquina de escrever e improvisava um poema à maneira oriental, atribuindo-o a um poeta árabe, chinês, japonês ou persa, todos imaginários, e mandava-os para o linotipista. (Verissimo, 2005, p. 235)

A prática dos poetas imaginários, ou pseudotradução, não parece ter sido empregada pelo “Letras e Artes”, ao menos não no período analisado, pois todos os nomes de poetas extraídos do suplemento foram verificados em buscas que também visavam a informações sobre nacionalidade e língua para inserir na tabela. Não é possível refutar, porém, a função *tapa buraco* dos poemas traduzidos publicados. O que se pode, sim, é afirmar que este não parece ser o caso da publicação de Rainer Maria Rilke e outros tantos nomes de poetas destacados no “Letras e Artes”. Nem de tradutores e tradutoras de prestígio, que não raro ocupavam a primeira página do suplemento.

No que diz respeito ao prestígio de quem traduz, ele nem sempre implica um renome pela via da tradução profissional, nem muito menos prestígio literário. É de se lembrar que, ao longo da história, destacaram-se na tradução amadora “governantes ou futuros governantes, entre os quais a rainha Elizabeth, Jaime I, Felipe IV e Felipe V da Espanha e Ludwig, príncipe de Anhalt” (Burke, 2009, p. 18). No Brasil, Dom Pedro II buscou ser admirado por sua “imagem pública de amigo dos livros” (Martins e Oliveira, 2010, p. 47) e mecenas das artes, chegando, por isso, a ser considerado um dos soberanos mais ilustrados do século XIX (Martins e Oliveira, 2010, p. 49). Pelo levantamento de poemas traduzidos pelo monarca feito por Martins e Oliveira (2010), nota-se a especial inclinação de Dom Pedro II ao soneto. Em tempos de escassos recursos para traduzir, o trânsito entre línguas, culturas e literaturas parecia ser um privilégio do poder ou um fardo das classes renegadas que precisavam emigrar. Em qualquer caso, a poesia e sobretudo a sua tradução sempre gozaram de grande prestígio público (Jones, 2024, s.p.) e, por ser assim, sempre atraíram pessoas em busca de consagração. A tradução de poesia é um desses campos frequentemente norteados por objetivos inconfessáveis, de modo a ser plausível afirmar-se, com Bourdieu, que os agentes sociais (re)produzem atos de interesse “desinteressados”, porque isso “é mais forte que ele[s]” (Bourdieu, 2001, p. 151). Por que pessoas em busca de prestígio traduzem poesia? “*Noblesse oblige*”, poderia ser a resposta. O fato é que a tradução de poesia, ao longo da história, raramente tem sido feita por tradutores/as profissionais, se assim considerarmos quem dedica à tradução parte considerável de sua vida, geralmente em troca de remuneração. E a tradução de poesia para jornais nesse período era um campo ainda menos profissionalizado, embora houvesse alguns expoentes semiprofissionais.

Exemplo disso poderia ser Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que, desde a década de 1940, dedicava-se ao trabalho de dicionarista e lexicógrafo, mas se valia da imprensa carioca para

apresentar sua faceta de escritor, crítico e tradutor. Sua participação no suplemento literário do *Diário de Notícias* teve início em 1947, com a seção “O Conto da Semana”, que perduraria até 1960, com a colaboração de Paulo Rónai a partir de 1954 (Academia Brasileira de Letras, 2016, n.p.). Em 1950, a coleção Rubáiyát, da José Olympio, publicou sua tradução de *Pequenos poemas em prosa*, de Charles Baudelaire (Aseff, n.d.). Conforme a biografia da Academia Brasileira de Letras, que ele passou a integrar em 4 de maio de 1961, além desta instituição, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “Era membro da Academia Brasileira de Filologia, do Pen Clube do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, da Academia Alagoana de Letras e da Hispanic Society of America” (Academia Brasileira de Letras, 2016, n.p.). É possível que sua participação nesta última tenha despertado o interesse pela tradução de poesias de língua espanhola, sobretudo as mexicanas, que se destacaram no ano de 1956. Sendo colunista do suplemento, suas traduções às poesias levantadas para este estudo costumavam sempre aparecer na primeira página do “Letras e Artes”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira não dedicou sua vida à tradução, nem alcançou prestígio por meio desta, mas não é difícil supor que suas traduções e colaborações “desinteressadas” como tradutor de poesia para um prestigioso suplemento literário tenham aplainado sua indicação à Academia Brasileira de Letras, à qual ele seria alçado ainda no período analisado neste artigo.

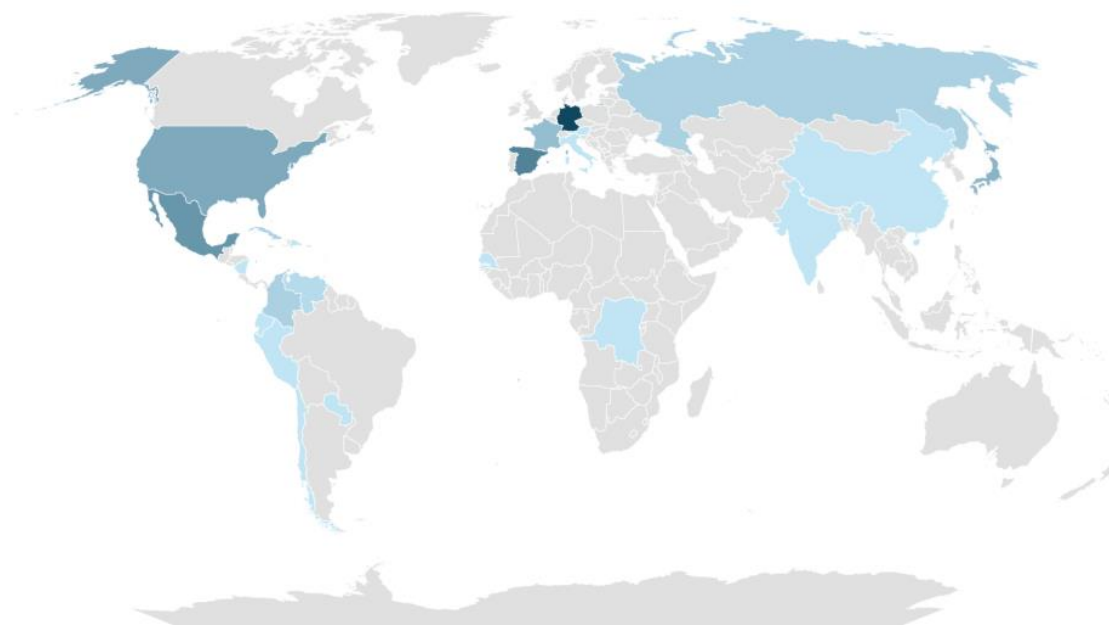
Retomando-se análises sobre poetas, é de se pontuar que poucos/as foram traduzidos mais de uma vez. Além do mencionado Rilke, publicado em tradução em cinco edições do suplemento, alguns poetas célebres ocuparam o mesmo espaço em tradução. Foi o caso de Charles Baudelaire, traduzido em sete edições, seguido de William Shakespeare (cinco edições) e William Blake (três edições). No mais, os tradutores e tradutoras do suplemento “Letras e Artes” variavam muito os/as poetas que importavam para o português brasileiro, buscando trazer nomes ainda pouco conhecidos/as pelo público leitor.

5 Visibilidade de poetas e tradutores/as de poesia como embaixadores/as culturais

Consideradas as origens de poetas e poesias importadas pela via da tradução, a análise de sua circulação opera como elemento revelador de trocas simbólicas e relações de poder entre diferentes nacionalidades, culturas e línguas. Portanto, propõe-se, a partir da construção do/a tradutor como um operador do *soft-power* ou mesmo da propaganda de uma determinada nação, que muito bem se vale de poesia (Jones, 2024, n.p.), um levantamento sobre as nacionalidades de poetas publicados em tradução pelo suplemento “Letras e Artes” no período analisado. A partir disso, podem ser considerados aspectos sobre a “imagem de um(a) tradutor(a) como embaixador(a) cultural” (Jones, 2024, n.p.).

Nesse recorte de uma década, pelo menos 85 poetas diferentes foram apresentados via tradução aos leitores e leitoras do suplemento. No quadro a seguir, é possível observar de menor quantidade (mais claro) para maior quantidade (mais escuro) os países de origens dos/das poetas traduzidos para o suplemento:

Gráfico 2 - Países dos/das poetas mais traduzidos para o suplemento, apresentados conforme mapa mundi atual.



Fonte: elaborado pelas autoras para o presente trabalho.

O gráfico 2 apresenta os mapas com as fronteiras vigentes quando da redação deste trabalho, e as nações e consequentemente as nacionalidades são designadas pelos nomes atuais. Apesar disso, convém recordar que a Alemanha e Itália se unificaram apenas bem adentrado o século XIX, e que a constituição geopolítica e o território da Alemanha foram significativamente impactados até 1991, com a reunificação. Outros muitos países europeus definiram-se como tal somente após a queda dos impérios russo, habsburgo e otomano, já no século XX. As independências africanas, ainda em curso no período analisado neste artigo, bem como a formação e a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e de outras nações do leste europeu recordam que o mapa mundi apresentado no Gráfico 2 dista das fronteiras vigentes à época analisada (1956-1965) e ainda mais dos tempos de vida dos/as poetas em tradução. Já se mencionou antes o caso de Rainer Maria Rilke (1875 - 1926), poeta germanófono nascido em Praga, então Império Austro-Húngaro. Também cabe destacar que parte relevante da poesia traduzida proveniente da Espanha era, de fato, galega, qual seja, proveniente da região da Galícia, com cultura e língua próprias. Apesar disso, e porque o suplemento anunciava a tradução de poesia por destaques nacionais, tais como “Letras Espanholas” e “Poesia alemã”, como já mencionado, decidiu-se propor essa abordagem por nacionalidade. Portanto, aqui se considerou o que o suplemento “Letras e Artes” apresentava como sendo “Poesia alemã” ou “Letras Espanholas”, sem maiores discussões geopolíticas. Até porque, é de se destacar, que na Espanha sob o jugo da ditadura franquista (1939-1975), o galego, assim como o basco, o catalão, o valenciano e outras línguas regionais foram proibidas. Uma perspectiva conservadora, como a que parecia nortear o *Diário de Notícias*, alinhava-se, portanto, com a referência da poesia dessas regiões como sendo espanhola, sem margens para o reconhecimento autônomo das regiões bilíngues que só viria a se sedimentar na redemocratização. Assim, no panteão das letras alemãs, inscrevia-se Rilke, nascido em Praga. Este não era o único exemplo de nacionalidades transformadas ao longo do século XX. Nathan Altermann, poeta de Israel, Estado criado em 1948, tinha nascido em Varsóvia. Esta análise,

portanto, pretende apontar elementos para uma compreensão da poesia como “*soft-power* ou mesmo como propaganda” (Jones, 2024, n.p.) de uma língua ou nação, mesmo quando estas estavam em franca transformação. Alternativamente, pode-se refutar o alinhamento da tradução de poesia a uma perspectiva nacionalista.

Conforme Bassnett (2006, p. 7), as trocas e transferências literárias, das quais a tradução conforma o exemplo mais significativo, poderiam ser comparáveis aos fluxos globais de informações, que sempre revelam jogos de poder. No caso em tela, observou-se, de maneira geral, um predomínio de poetas do Norte global, principalmente provenientes da Europa e da América do Norte. A maioria de poetas levantados/as, mais especificamente 18, eram oriundos do mundo germanófono. Desses, 17 eram apresentados como “Poesia alemã”, embora o mais correto fosse “Poesia em alemão”. A estes 17, soma-se o já citado Rainer Maria Rilke, frequentemente apresentado como austríaco, pois nascido em Praga sob domínio de Habsburgo. Como poetas “alemães”, foram identificados: Anton Ulrich von Braunschweig; Bertolt Brecht; Clemens Brentano; Elisabeth Langgässer; Friedrich Nietzsche; Georg Heym; Gottfried Benn; Heinrich Heine; Heinrich von Morungen; Heinz Piontek; Johann Christian Guenther; Johann Rist; Johann Wolfgang von Goethe; Novalis; Walther von der Vogelweide; Ernst Stadler, e Simon Dach. A eles, seguem-se 11 poetas da Espanha: Agustí Bartra, Federico García Lorca, Marcos Ana, Pedro Salinas, Raimundo Lulio, Álvaro Cunqueiro; Manuel Cuña Novás, José Díaz Jácome; Manuel Antonio Pérez Sánchez; Ricardo Carvalho Calero; Xosé María Díaz Castro, sendo os últimos 6 da região da Galícia. Ainda sobre a Europa, destacam-se 5 que provinham da França (Arnaut Daniel, Charles Baudelaire, Jacques Prévert, Robert Desnos e Stéphane Mallarmé), 3 do Reino Unido (Geoffrey Chaucer, William Blake e William Shakespeare), 2 da Itália (Salvatore Quasimodo e Sebastiano Satta) e um de Mônaco (Léo Ferré).

Apesar disso, destaca-se a forte presença da poesia hispano-americana traduzida no suplemento, sendo que 9 poetas provinham do México (Guadalupe Amor, Margarita Michelena, Juana Inés de la Cruz, Alfonso Reyes, Francisco González León, Jaime Torres Bodet, Joaquín Antônio Penalosa, José Gorostiza, Octavio Paz), 3 de Cuba (Emilio Ballagas, Nicolás Guillén e Eugenio Florit, este último nascido na Espanha mas considerado um poeta cubano). Somam-se à lista 3 poetas da Colômbia (Eduardo Carranza, José Asunción Silva e Porfirio Barba Jacob), 2 da Venezuela (José Antonio Escalona-Escalona e José Ramón Medina), um da República Dominicana (Manuel del Cabral), um do Equador (Jorge Carrera Andrade), um do Chile (Pablo Neruda), um de Nicarágua (Rubén Darío), um do Paraguai (Juan Natalicio González) e um do Peru (Augusto Tamayo Vargas).

Ademais, 7 poetas traduzidos/as eram apresentados/as como provenientes dos Estados Unidos (Anna Thilda May Swenson; e.e. cummings; Emily Dickinson; John Greenleaf Whittier; John Nist; Niles Woodbridge Bond e T.S. Eliot), 6 do Japão (Arakida Moritake, Kobayashi Issa, Masaoka Shiki, Matsuo Bashō, Ryōkan Taigu, e uma autora anunciada como desconhecida no jornal), 3 da Rússia (Boris Pasternak, Chaim Nachman Bialik e Yevgeny Yevtushenko), um da China (Tu Fu), um da Índia (Rabindranath Tagore), um poeta do recém-fundado Estado de Israel (Nathan Alterman), um da República do Congo (Patrice Lumumba) e um do Senegal (Alioune Diop). Desses dados, destaca-se a diversidade do suplemento em um período em que o sistema brasileiro se abria para o mundo. Ademais, é possível que esses dados demonstrem mais os gostos pessoais ou momentos profissionais dos tradutores e tradutoras da poesia divulgada no suplemento do que uma linha orientadora da divulgação de determinadas línguas e nações.

Ao confrontar o número de 85 poetas com o dado de 68 edições contendo traduções de poemas, verificou-se que mais de uma tradução era encontrada em certas edições. Era comum

observar mais de um/a poeta sendo divulgado via tradução na mesma matéria, a partir do mesmo tradutor ou tradutora. Esse era o caso da divulgação sistemática da poesia hispano-americana, feita por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira aos domingos de 1956:

Figura 3 – Tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para diversos/as poetas

POESIA HISPANO-AMERICANA DO SÉCULO XX
TRADUÇÃO DE AURÉLIO BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA
 (Especial para o «Diário de Notícias»)

MÉXICO
GUADALUPE AMOR
 (1920)

Vem Disfarçado...
 VEM disfarçado de amor,
 de silêncio, de quietude,
 de ternura, de virilidade,
 mas aproveita-me o ardor.
 A este fogo abrasador
 que em meu coração chama-se
 dá-lhe um motivo que seja
 como eterno combustível.
 Deus, faz-te já visível!
 Que perdes em que eu te veja!

NICARÁGUA
RUBÉN DARIÓ
 (1876-1916)

O FATAL
 DITADO e vegetal, que é apenas animal,
 o mal e dura pedra, esta porque sem vida,
 pois não dar mal do que a dor de ser vivo,
 nem maior aflicção do que a vida consciente.

República Dominicana
MANUEL DEL CABRAL
 (1907)

A do Rio, Que Brandal
 A do rio, que brandal
 Mas que dura e esta
 A que... (ilustração)

COLÓMBIA
EDUARDO CARRANZA

Fabuleta
 A TARDE, donzela azul,
 abriu seu livro de estampas:
 a tarde, corpo frágil
 e olhos claros como tu.

A TARDE há uma história
 de nuvens sem direção
 e de águas enamoradas
 com luzinhas na voz.
 (...A Rábula das Franginças
 assomava-se ao balcão
 de Jamin; pela verdade
 e Yelo Natio passou...)

A TARDE os seus olhos amidos
 um instante levanta:
 fugiu em lábia dourada,
 por todos os rios, o Rei.

RIJO claro, cinto azul,
 atrás do ar transparente
 da tua alegria, de pronto
 a tarde vem-te tu
 A tarde... (ilustração)

senhores de engenho de
 hambuco e Bahia. O ju
 o fausto da aristocrata
 ral daquelas capitais
 norte, nos dois primei
 culos do nosso desobri
 te, são atestados por t
 munhos incontestes.

Oliveria Viana conce
 muito, com o péso da
 autoridade, para exte
 nobreza rural do sul, e
 cialmente à de São P
 a mesma suntuosidade d
 ver dos abastados sen
 de engenho pernambuco
 e baidanos. Apresentand
 dr. Guilherme Pompeu e
 tipo representativo da
 da guila paulista, entende
 os paulistas eram todos
 cos, donos de enormes
 tífundios, cultos e cap
 da generosa hospitalid
 daquele riquíssimo faz
 ro.

Ora, os arquivos da
 mara Municipal de São I
 lo e os inventários dos
 delrantes não confir
 essa suposição e demonst
 que os homens da fortun
 dr. Guilherme Pompeu
 constituíam regra e sim
 excepção. A maioria dos p
 tas era de fidalgos e
 lhosos, honestos, polítr
 vida rude e sem conf
 Aliás, não se compreend
 que donos de grossos e
 dais, acostumados à r
 farta, a dormir em fofa
 xins, aos jogos e foliaz
 isto é, a gozar a vida
 todos os deleites e com
 des, se abalancassem a
 presas duríssimas, arris
 da saúde e a vida, par
 do por toda a sorte de
 cessidade, atrás de bu
 ouro e pedrarias. Tem
 são Filinto Salgado qu
 salienta que o pobre é
 é livre para tais avent
 em busca de melhoria
 condições de existência
 mo Nasceram as Cidade
 Brasíl, Lisbon, 1946). S
 te depois das descobertas
 ríferas nas Gornas é qu
 modifica o padrão de
 dos paulistas e começa
 a luxar. (Carlos Alfonso
 Santos, As lutas entre
 boudas e Paulistas, Belo
 rizonte, 1952).

Abastado era, todavia,
 não Uma Pais. Te um
 e... (ilustração)

Fonte: *Diário de notícias* (RJ), 8 de julho de 1963, p. 1 do S.L. (Ferreira, 1963).

Dessa forma, além de textos críticos sobre poetas e escritores estrangeiros, era via tradução que o suplemento atingia a sua função de complementar os conhecimentos de seus leitores e leitoras, colocando-os/as à par da literatura internacional. Além disso, se não todas, ao menos a maioria das traduções foram realizadas “Especialmente para o D.N”, ou seja, eram traduções inéditas à época, e não publicadas em livros ou outros veículos. Ainda sobre a forma como essas traduções eram apresentadas, a grande maioria aparecia com destaque apenas para a tradução e quem traduziu, tal como se verifica pelas Figuras 2 e 3. Havia casos, porém, em que as poesias se faziam acompanhar por um texto de apresentação do/a poeta de partida. Também podiam ser publicados, embora estes fossem mais raros, textos refletindo sobre o ato da tradução e mais especificamente sobre a tradução de poesia. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1961), na seção intitulada “Poesia hispano-americana”, apresentou brevemente o poeta paraguaio J. Natalicio Gonzalez, antes de sua tradução e comentários à tradução do poema “Motivos de la tierra escarlata”. Seus comentários, em forma de uma nota, visibilizavam o tradutor e a dificuldade de sua tarefa:

Respeitaram-se as características métricas e rimáticas do poema, todo em versos alexandrinos. Muitos desses versos ficaram à espanhola como no texto - sem as exigências da cesura, próprias dos alexandrinos portugueses e franceses. Aliás, já se fizeram em nossa língua, todos o sabem, dodecassilabos à

castelhana: basta lembrar os de Basílio da Gama e os numerosos de Castro Alves - entre êstes, os de <O Vidente>, tão elogiados por Mário de Andrade a ponto de ele desejar que <ao lado do alexandrino clássico, permanecesse entre nós também o processo de os escandir à espanhola>. Rimas toantes, e imperfeitas observáveis na presente versão correspondem, quase todas, às do original. O <assunceno> do fim da primeira estrofe traduz o assunceno do texto, adjetivo pátrio correspondente a Assunção. (Ferreira, 1961, p. 1 do S.L.)

Também C. Tavares Bastos, em “Um poema Latino de Baudelaire”, comentou sua tradução para o poema “Fransciscae Meae Laudes”, um poema de Charles Baudelaire em latim. Após apresentar original e tradução lado a lado, Bastos refletiu sobre seu processo:

Num primeiro esboço de tradução, feita em versos brancos, creio não ter falseado o pensamento do poeta, vertendo *aqua tincta seraphica* por 'de óleo seráfico ungido'. Preferi óleo a água em lembrança dos óleos santos, empregando assim, com mais propriedade, o adjetivo ungida, de que são sinônimos purificada, sagrada, perfumada, todos aplicáveis a uma 'loriga ou armadura de castidade'. (Bastos, 1959, p. 1 do S.L.)

Esse trecho é apenas um de vários comentários ao processo de tradução apresentados ao público amplo nessa oportunidade. Além de soluções para as dificuldades enfrentadas no processo de tradução, Bastos (1959) comentou sobre outras traduções já existentes para o mesmo poema, tanto para o francês, como as três anteriores para o português brasileiro: a de Jamir Almasur Haddad, a de Carlos Pontes e a de Eduardo Guimarães.

Assim, aliava-se tradução e teorização no suplemento literário do *Diário de Notícias*. Em tempos anteriores à consolidação dos Estudos da Tradução como campo acadêmico autônomo e da fundação dos primeiros cursos superiores brasileiros voltados à formação de tradutores/as, o que só viria a acontecer na década de 1970, suplementos como o analisado abriram espaço à visibilização da tarefa tradutória e da pessoa que traduz. Os comentários sobre as dificuldades de se traduzir um poema com métrica e rima divulgados ao público amplo são exemplos do gênero hoje mais referido como tradução comentada (Torres, 2017, p. 15), muito em voga no ambiente acadêmico por conferir visibilidade à pessoa que traduz e a suas escolhas, impasses, fontes e críticas.

Neste estudo, que considera a possibilidade de que a tradução de poesia para circulação em jornais tenha sido uma forma de aferição de prestígio, sobretudo para tradutores/as semiprofissionais, levantou-se, como já dito, das páginas do “Letras e Artes”, do *Diário de Notícias*, entre os anos de 1956 e 1965, um total de 150 poemas traduzidos por 35 nomes com diferentes regularidades de contribuição e graus de profissionalização, se assim se considera o tempo dedicado à tarefa e sua remuneração. Desses 35 nomes, destacam-se, pela frequência de suas poesias em tradução publicadas, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Flora Machman, Osório Dutra, Leo Gilson Ribeiro, Geir Campos, Stella Leonardos, e Xavier Placer. Passa-se a comentar brevemente sobre cada uma dessas pessoas que, em geral, eram escritores e escritoras nacionais que também traduziam e escreviam outros gêneros literários além da poesia, como a crônica e o conto.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que fez fama por seu *Dicionário Aurélio*, foi colaborador fixo do suplemento “Letras e Artes” e divulgador constante da poesia hispano-

americana, possivelmente devido à sua atuação na Hispanic Society of America, como já comentado. Para além da poesia, destacou-se nas colaborações com Paulo Rónai na seleção e, por vezes, tradução da seção fixa “Conto da Semana”. De outra colaboradora constante, Flora Machman, o pouco que se sabe é que foi uma das primeiras jornalistas do Recife e uma das primeiras advogadas do Brasil. Era cronista e, além de ter assinado algumas traduções de poesia no *Diário de Notícias*, também assinava a coluna “Chuva Miúda” no jornal *Folha da Manhã*, e escreveu também no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro (Belloti, 2025, s/p). Osório Dutra, nascido em Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, era poeta, e atuou como diplomata da Academia Fluminense de Letras, tendo sido laureado com o Prêmio de Poesia, em 1929 (Osorio..., 2025). Geir Campos foi um dos escritores da chamada Geração de 45, além de reconhecido poeta e tradutor brasileiro. Chegou a presidir a Associação Brasileira de Tradutores (Abrates) (Geir..., 2025), sendo o responsável por escrever o livro *O que é tradução* (1986) da famosa coleção “Primeiros Passos” da Editora Brasiliense. Stella Leonardos foi escritora, tradutora e dramaturga do Rio de Janeiro, premiada pela Academia Brasileira de Letras e conhecida por transformar os mitos, a cultura e a história brasileira em versos de poemas longos (Correa, 2022, s/p). Xavier Placer, filho de galegos, mas nascido em Niterói, além de escritor e tradutor, era bibliotecário de profissão e professor universitário na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Placer; Placer, 2016). Léo Gilson Ribeiro foi jornalista e um premiado crítico literário, respeitado e muito influente, que começou sua carreira justamente no *Diário de Notícias* (Morre..., O Estadão, 2007). Falava sete idiomas, e “atacava ferinamente as traduções malfeitas, as edições improvisadas – procurava impor o respeito ao leitor. Combateu incansavelmente a incultura nacional, procurando difundir a boa literatura por todos os meios a seu alcance” (Morre..., Vermelho, 2007). Essa luta contra a incultura foi observada em sua coluna fixa no suplemento “Letras e Artes”, intitulada de “Caminhos da Cultura”, na qual se encontravam muitas das traduções levantadas para o presente artigo. Apesar de nunca explicitar ser ele o tradutor dos poemas exibidos nas matérias do suplemento, presume-se que o era por falta de créditos a outra pessoa.

Dos referidos nomes, apenas Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Geir Campos constam no DITRA - *Dicionário de Tradutores Literários* (Guerini et al., n.d.) organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Disso se depreende que, não obstante a constância da poesia traduzida no “Letras e Artes” e outros suplementos literários, o reconhecimento como tradutor/a literário/a é regido sobretudo pela publicação editorial em livro. Assim, embora não tenha esgotado o tema, este estudo buscou lançar luzes a outros nomes e modos de divulgação que talvez tenham alcançado um público ainda mais amplo que as traduções comerciais do incipiente mercado editorial brasileiro da época. Estudos futuros, no entanto, talvez possam avaliar aspectos como o amadorismo ou (semi)profissionalização dos tradutores e tradutoras referidas e as possíveis inferências que o público do suplemento poderia estabelecer sobre as condições de trabalho para a tradução, sobretudo de poesia. É de se recordar, com Lia Wyler (2003, p. 20), que do incensamento das traduções feitas por amor pode-se chegar a concluir que a tradução profissional e remunerada não é apaixonada e, portanto, não é boa. Ou, afirma-se aqui, chegar-se à conclusão de que tradução é tarefa para as elites ilustradas, ansiosas por reafirmar seus capitais simbólicos como forma de legitimar seus capitais econômicos, quase sempre superiores àqueles. Esses são temas que ainda merecem discussões futuras.

6 Considerações finais

Através do suplemento “Letras e Artes”, literatura e imprensa se uniam para disseminar literatura estrangeira e brasileira ao seu público leitor. Verificou-se que, em parte, as importações e divulgação de poetas estrangeiros/as se deu através da tradução de seus poemas. No período de uma década, entre 1956 e 1965, pelo menos 150 poemas ou trechos de poemas estrangeiros foram traduzidos para o português brasileiro por 35 tradutores e tradutoras que colaboraram com o suplemento. Houve a divulgação de 85 poetas diferentes, principalmente de línguas como o espanhol, o alemão, o inglês e o francês. Além do ineditismo das traduções publicadas, divulgadas como tendo sido feitas exclusivamente para o suplemento, observou-se que os tradutores e tradutoras diversificavam os/as poetas apresentados/as ao público, assim como as línguas e nacionalidades da origem. O predomínio de poemas traduzidos de línguas europeias e de poetas de nações do Norte global poderia apontar para uma diretriz do suplemento. No entanto, ao se observar as periodizações das traduções e a concentração da prática em determinados/as tradutores/as, opinou-se que a divulgação de certos/as poetas (como os/as da América Hispânica e os/as de língua alemã) tendia mais a projetos individuais, motivados por gostos, conhecimentos, leituras ou mesmo atuações profissionais e trânsitos por círculos de prestígio de quem traduzia. Isso contribuiu para o entendimento dos/as tradutores/as como embaixadores/as culturais.

O espaço disponibilizado para a poesia em tradução no suplemento “Letras e Artes” parecia, por vezes, curto, talvez pelo motivo de que a maioria das publicações apresentava apenas a tradução do poema, sem texto de acompanhamento. No entanto, em algumas publicações, observaram-se textos de acompanhamento que apresentavam o/a poeta de partida ou teciam comentários à tradução, trazendo visibilidade não só para os/as poetas em tradução, como também para as dificuldades e desafios da prática tradutória. Embora não se possa refutar a função “tapa buracos” da poesia, conforme Verissimo (2005, p. 253), as colunas mais ou menos fixas, divulgando em tradução a poesia por língua ou nacionalidade, não incentivam essa interpretação.

Dos 35 nomes de tradutores/as levantados nesta pesquisa, sete eram mais frequentes nas suas colaborações. Destes, apenas dois foram registrados no DITRA - *Dicionário de Tradutores Literários* (Guerini *et al.*, n.d.). Disso se inferiu que o reconhecimento na tradução é determinado pela publicação comercial em livro, embora suplementos como o “Letras e Artes” pudessem alcançar, numericamente, um contingente muito mais significativo de leituras. Portanto, mais estudos como este são necessários para visibilizar pessoas que, embora assíduas na tarefa tradutória e com público cativo, não alcançaram o mercado editorial e não foram inscritas na história de tradutores/as do Brasil. Também para identificar suas possíveis motivações para traduzir, especialmente para traduzir poesia para um público amplo, e confirmar, ou refutar, o que aqui se relacionou à busca por prestígio. Prestígio este que, quiçá, possa ser atravessado por questões de gênero. As escassas informações encontradas sobre as tradutoras Flora Machman e Stella Leonardos, incluídas na lista de colaborações frequentes do suplemento, indicam a necessidade de estudos futuros mais sensíveis a abordagens de gênero. Pesquisas futuras também podem observar e descrever as traduções levantadas no presente trabalho, de forma a compreender estratégias da tradução poética ou normas de tradução vigentes à época.

Referências

Academia Brasileira De Letras. *Biografia*: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2016.

Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/aurelio-buarque-de-holanda/biografia>>. Acesso em: 20 set 2025.

Alencastre, A. Há uma cultura africana. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1963, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1963_12582.pdf>. Acesso em: 14 set 2025.

Aseff, M. G. *Poesia traduzida no Brasil* (catálogo). Disponível em: <<https://www.poesiatraduzida.com.br/>>. Acesso em: 20 set 2025.

Bassnett, S. Reflections on comparative literature in the twenty-first century. *BCLA, Comparative Critical Studies*, 3, 1-2, pp. 3-11, 2006. Disponível em: <<https://euppublishing.com/doi/abs/10.3366/ccs.2006.3.1-2.3>> Acesso em: 28 set 2025.

Bastos, C.T. Um poema latino de Baudelaire. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 fev. 1959, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 1. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1959_11110.pdf>. Acesso em: 15 set 2025.

Belloti, A. Chuva miúda, uma paixão fatal e uma grande cronista. Site *Clube dos escritores 50 mais*. 2025. Disponível em: <https://clubedosescritores50mais.substack.com/p/chuva-miuda-uma-paixao-fatal-e-uma?utm_campaign=post&utm_medium=web>. Acesso em: 15 set 2025.

Berman, A. *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

Bosi, A. *História concisa da literatura brasileira*. 44 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

Bourdieu, P. É possível um ato desinteressado? In: Bourdieu, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. 3. ed. Campinas: Papirus Editora, 2001.

Burke, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. Trad. de R. dos Santos. In: Burke, P.; Po-Chia Hsia, R. (orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

Candido, A. A revolução de 1930 e a cultura. In: Candido, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

Couto, A. L. F. *O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1992.

Correa, A. L. M. Literatura / Stella Leonardos. *Biblioteca Nacional Digital*, 27 jun. 2022. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/literatura-stella-leonardos>>. Acesso em 20 set 2025.

D'Hulst, L. Por que e como escrever histórias da tradução? Trad. de Helena Lúcia Silveira Barbosa e Maria Teresa Mhereb. *Cadernos de Tradução – SC*, Florianópolis, v. 41, n. 2, pp. 479-491, mai-ago. 2021.

Ferreira, A.B.H. Poesia hispano-americana do século XX. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1963, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 1. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1956_10329.pdf>. Acesso em: 13 set 2025.

Ferreira, A.B.H. J. Natalício Gonzalez. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 set. 1961, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 1. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1961_11923.pdf>. Acesso em: 15 set 2025.

Geir Campos. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/790-geir-campos>>. Acesso em: 16 set. 2025.

Guerini, A. et al. (orgs). *DITRA - Dicionário de Tradutores Literários*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, n. d. Disponível em: <<https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/consulta.php>>. Acesso em: 29 set 2025.

Hallewell, L. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2012

Jones, F. Poética (tradução). Trad. de A. C. Kahmann e M. G. Aseff. In: Franco Aixelá, J. et al. (org). *Enciclopédia de Tradução e Interpretação*. Granada: Associação Ibérica de Tradução e Interpretação, 2024. Disponível em: <https://www.aieti.eu/enti/poetry_POR/entrada.html>. Acesso em: 12 set 2025.

Leite, R. D. P. 7 poemas de Rainer Maria Rilke. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 mai. 1963, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1963_12409.pdf>. Acesso em: 12 set 2025.

Lima, R. Livros e Fatos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jan. de 1959, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1959_11098.pdf>. Acesso em: 28 set 2025.

Lopes, E. N.; Leal, I. G. G. A contribuição da tradução no suplemento literário Letras & Artes (1946-1954). *Literatura: teoria, história, crítica*, v. 19, n. 2, pp. 259-273, 2017.

Lopes, E. N. Leal, I. G. G. A presença da literatura traduzida no suplemento dominical literário Letras & Artes (1946-1954). *Revista Texto Poético*, vol. 20, pp. 92 - 166, 2016.

Martins, M. A. P.; Oliveira, A. O. P. D. Pedro II, monarca-tradutor. *TradTerm*, São Paulo, n 17, pp. 45-66, 2010.

O Estadão. Morre o crítico literário Léo Gilson Ribeiro. São Paulo, 11 jan. 2007. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/cultura/morre-o-critico-literario-leo-gilson-ribeiro/>>. Acesso em: 14 set 2025.

Osório Dutra. 2025. In: *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=594>>. Acesso em: 16 set 2025.

Placer, X.; Placer, C.M. *Biografia*. Xavier Placer. 2016. Disponível em: <<https://www.xavierplacer.com/biografia>>. Acesso em: 21 set 2025.

Prêmio Paula Brito - Melhor Suplemento Literário. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1959, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 1. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1959_11138.pdf>. Acesso em: 29 set 2025.

Repercussão do «Prêmio Paula Brito» ao Suplemento De Diário De Notícias. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1958, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1958_10845.pdf>. Acesso em: 29 set 2025.

Ribeiro, L. G. Albores da poesia alemã. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1961, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 3. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1961_11769.pdf>. Acesso em: 12 set 2025.

Ribeiro, L. G. A poesia galega. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1961, suplemento literário “Letras e Artes”, p. 2. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1961_11769.pdf>. Acesso em: 12 set 2025.

pdf.bn.gov.br/093718/per093718_1961_11893.pdf>. Acesso em: 12 set 2025.

Sodré, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

Torres, A. M. F.; Guimarães, Mayara Ribeiro. Rilke traduzido no Brasil: um breve levantamento bibliográfico de antologias. *Estação Literária*, Londrina, v. 24, pp. 148-165, jul.-dez. 2019.

Torres, M. H. C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: Freitas, L. F. de et al (orgs). *Literatura Traduzida: tradução comentada e comentários de tradução*. Fortaleza: Substância, 2017.

Venancio, G.; Wegner, R. Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: Debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do Diário de Notícias (1948-1953). *Varia historia*, Belo Horizonte, v. 34, nº 66, Set-Dez 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/rQv5VcSjnZjVX4JsLjpHrxR/>>. Acesso em: 20 set 2025.

Verissimo, E. *Solo de clarineta*. vol 1. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Vermelho. Morre o crítico literário Léo Gilson Ribeiro, da Caros Amigos. Brasília, 12 jan 2007. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2007/01/12/morre-leo-gilson-ribeiro-da-caros-amigos>>. Acesso em: 14 set 2025.

Wyller, L. *Língua, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. São Paulo: Rocco, 2003.

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 15/12/2025